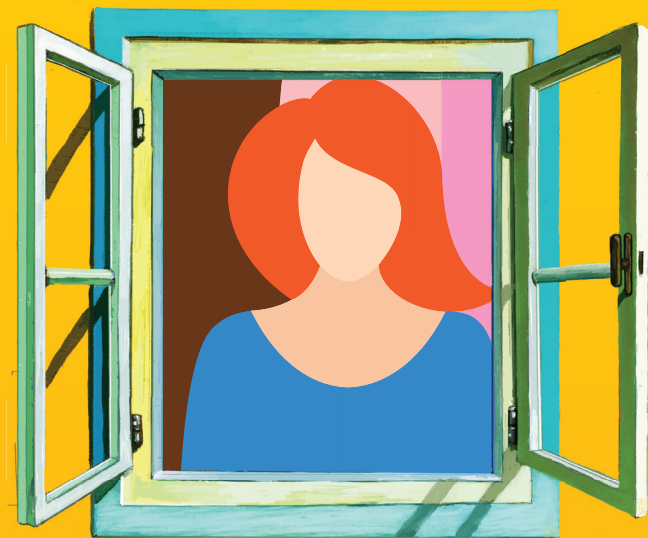


Charlotte Perkins Gilman, também conhecida como Charlotte Perkins Stetson, nasceu em 1860, em Hartford, Connecticut. Foi uma proeminente socióloga, romancista, escritora de contos, poesia e não ficção e conferencista de reforma social. Foi uma feminista utópica durante uma época em que suas realizações eram excepcionais para as mulheres, e serviu como um modelo para as futuras gerações de feministas por causa de seus conceitos e estilo de vida pouco ortodoxos. Seu trabalho mais lembrado hoje é o conto semiautobiográfico, “O papel de parede amarelo”, que escreveu após um severo surto de depressão pós-parto. A escritora faleceu em 1935.



Neste livro poderoso, instigante e profundamente esclarecedor, Charlotte Perkins Gilman desenvolveu narrativas feministas curtas, que buscam empoderar mulheres e minorias oprimidas por nossa sociedade patriarcal. Altamente polêmica, envolvente e repleta de temas relevantes, ela desconstrói a subversão ideológica de ambos os gêneros contra a *status quo*, promove os direitos civis e a independência econômica e confronta a noção de masculinidade tóxica, dando voz ressonante às mulheres da época, que envia ondas até os tempos atuais.

Texto integral traduzido
do original em inglês

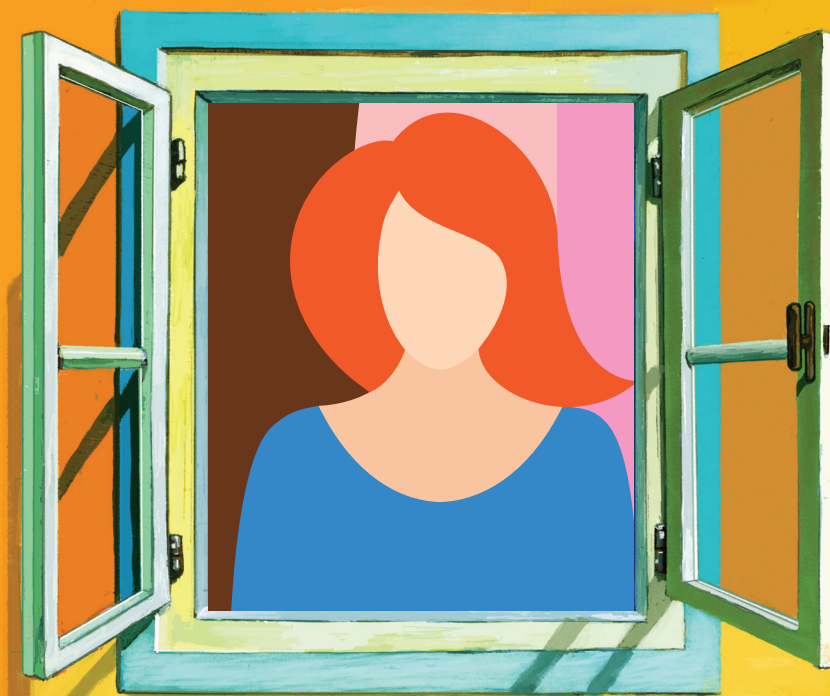


Charlotte Perkins Gilman

O PAPEL DE PAREDE AMARELO E OUTROS CONTOS



Charlotte Perkins Gilman



O PAPEL DE PAREDE AMARELO
E OUTROS CONTOS



Escrita em 1892, esta obra é uma das primeiras peças da literatura feminista disponível, publicada em uma época conservadora, em que as mulheres não tinham permissão para ler, escrever e expressar suas opiniões. A história narra a queda de uma mulher à loucura depois de ser mantida em prisão domiciliar pelo marido devido aos primeiros sinais de depressão e ansiedade. O livro é composto de vinte contos, e o que é realmente instigante e perturbador, é que o trabalho de Gilman é tão relevante hoje quanto era então à época em que foi publicado. Uma leitura obrigatória se você é uma mulher. Ou não.

O PAPEL DE PAREDE AMARELO

E OUTROS CONTOS

Charlotte Perkins Gilman

O PAPEL DE PAREDE AMARELO
E OUTROS CONTOS

Tradução
Marcela Nalin Rossine



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Yellow paper and other stories

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Charlotte Perkins Gilman

Revisão
Valquíria Della Pozza

Editora
Michele de Souza Barbosa

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Marcela Nalin Rossine

Design de capa
Ana Dobón

Preparação
Jéthero Cardoso

Imagens
Nuvolanevicata/shutterstock.com
Tarskaya_Tatiana/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G487p Gilman, Charlotte Perkins

O papel de parede amarelo e outros contos / Charlotte Perkins Gilman ;
traduzido por Marcela Nalin Rossine. – Jandira, SP : Principis, 2021.
192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: *Yellow paper and other stories*
ISBN: 978-65-5552-491-8

1. Literatura americana. 2. Contos. I. Rossine, Marcela Nalin. II. Título.
III. Série.

2021-1514

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : Contos 813
2. Literatura americana : Contos 821.111(73)-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

O papel de parede amarelo.....	7
Três Ações de Graças	26
Onde o coração está.....	43
O amigo do segundo andar.....	46
A humanidade das mulheres	61
O Barril	68
O para-choque	70
Um casal de cegonhas	82
Uma artista mediana.....	85
Malcriado	95
A mãe de Martha	99
Quando fui uma bruxa	111
Acreditar e Saber	124
A casa das maçãs	128
Ganhando a vida.....	132
Uma coincidência.....	145
O bangalô	153
O senhor Robert Grey.....	164
Os meninos e a manteiga.....	172
Minha incrível Dodo.....	182



O papel de parede amarelo

É muito raro que pessoas comuns, como John e eu, consigam alugar um casarão antigo para o verão.

Uma mansão colonial, herança de família, eu diria uma casa mal-assombrada, e atingiria o auge da felicidade poética – mas seria pedir demais do destino!

Ainda assim, declaro com satisfação que há algo de estranho nela.

Do contrário, por que o aluguel teria sido tão barato? Ou por que teria ficado desocupada por tanto tempo?

John ri de mim, é claro, mas já se espera isso no casamento.

John é extremamente pragmático. Não tem paciência alguma com religião, tem verdadeiro horror à superstição e caçoa sem rodeios de qualquer discurso sobre coisas que não possam ser sentidas, vistas e expressas em números.

John é médico, e *talvez* – eu não diria isso a nenhuma alma viva, é claro, mas isto aqui é papel morto e um grande alívio para minha mente –, *talvez*, esse seja um dos motivos pelos quais não me recupero mais rápido.

Veja bem, ele nem sequer acredita que estou doente!

E o que se há de fazer?

Se um médico, de grande prestígio, assegura aos amigos e familiares que não há absolutamente nada de errado com sua esposa, a não ser uma depressão nervosa passageira – uma leve tendência à histeria –, o que se há de fazer?

Meu irmão também é médico, também tem grande prestígio, e afirma a mesma coisa.

Sendo assim, tomo fosfato ou fosfito – seja qual for – e tônicos, além de passear, respirar ar puro, praticar exercícios e estar terminantemente proibida de “trabalhar” até que fique bem de novo.

Particularmente, discordo da opinião deles. Acredito que um trabalho prazeroso, com empolgação e variedade, só me faria bem.

Mas o que se há de fazer?

A despeito dos dois, escrevi durante um tempo, mas fico exausta *demais*... por ter que viver camuflando isso, ou então enfrentar a forte oposição deles.

Às vezes acho que, no meu estado, se tivesse menos oposição e mais companhia e estímulo... John, porém, diz que pensar no meu estado é a pior coisa que posso fazer, e confesso que isso sempre faz com que me sintam mal.

Portanto, vou deixar isso de lado e falar sobre a casa.

Que lugar maravilhoso! É bastante isolado, fica bem distante da estrada, a quase cinco quilômetros da vila. Faz-me pensar nos casarões ingleses dos livros, com sua cerca viva e paredes e portões com trancas, e várias casinhas independentes que alojam os jardineiros e outras pessoas.

O jardim é *encantador*! Nunca vi um jardim assim: grande e repleto de sombras, cheio de labirintos ornados por arbustos simétricos e margeados com enormes pérgulas cobertas de videiras e uns bancos embaixo.

Havia estufas também, mas agora estão caindo aos pedaços.

Houve alguns problemas legais, acredito, algo relacionado aos herdeiros e coerdeiros; de qualquer forma, o lugar esteve vazio por anos.

Isso estraga todo o mistério fantasmagórico para mim, receio, mas não importa – há algo de estranho na casa... posso sentir.

Em uma noite de luar, cheguei até a falar com John, mas ele disse que eu havia sentido uma simples *corrente de ar* e fechou a janela.

Às vezes fico absurdamente irritada com John. Tenho certeza de que nunca fui tão sensível. Acho que tem a ver com os nervos.

Mas John diz que se me sinto assim é porque descuido do autocontrole adequado; então, faço um esforço para me controlar – diante dele, pelo menos – e isso me deixa exausta.

Não gosto nem um pouco do nosso quarto. Queria um no andar de baixo que dava para a varanda, com rosas contornando a janela e aqueles lindos cortinados de chita à antiga! Mas John nem me deu ouvidos.

Disse que havia apenas uma janela e não tinha espaço para duas camas, e nenhum outro cômodo de que pudesse dispor se quisesse.

Ele é muito cuidadoso e amoroso, e mal permite que eu me mexa sem uma orientação especial.

Tenho um cronograma de prescrições para cada hora do dia; ele cuida de tudo para mim e me sinto uma reles ingrata por não valorizar tanta preocupação.

Falou que viemos para cá só por minha causa, que eu precisava fazer repouso absoluto e tomar muito ar puro.

– Fazer exercícios depende de sua disposição, minha querida – disse ele –, e a alimentação depende do seu apetite, mas o ar puro você pode aproveitar o tempo todo.

Sendo assim, ficamos com o quarto de crianças, no piso de cima da casa.

É um cômodo grande, arejado, ocupa quase o andar inteiro, há janelas com vista para todos os lados, e ar puro e luz do sol aos montes. Primeiro foi um dormitório infantil, depois uma sala de recreação e uma sala de ginástica, presumo; pois as janelas têm grades de proteção para criancinhas e há argolas e coisas do tipo nas paredes.

A pintura e o papel de parede dão a entender que funcionava como uma escolinha para garotos. Foi arrancado... digo, o papel... em enormes retalhos ao redor da cabeceira da minha cama, até onde minhas mãos alcançam, e também na parte debaixo de uma parede do outro lado do quarto. Nunca vi um papel de parede tão vulgar em toda a minha vida.

Como aquelas estampas extravagantes que se esparramam cometendo todo o tipo de pecados artísticos.

É tão embotado que chega a confundir o olhar, tão espalhafatoso que causa irritação constante, e incita a investigação; e quando acompanhadas

de certa distância, as curvas emaranhadas, inconclusivas, de repente cometem suicídio: mergulham em ângulos ultrajantes, destroem-se em contradições sem precedentes.

A cor é repulsiva, quase revoltante; um amarelo encardido, sem vida, esmaecido de forma estranha pela passagem lenta da luz do sol.

É um alaranjado embotado, ainda que berrante em alguns pontos, e com um tom de enxofre mórbido em outros.

Não é de admirar que as crianças o odiassem! Eu mesma o odiaria se tivesse que ficar neste quarto por muito tempo.

Lá vem John, então preciso guardar isto – ele detesta que eu escreva, mesmo que seja uma palavra.

Estamos aqui há duas semanas, e desde aquele primeiro dia ainda não tive vontade de escrever.

Agora estou sentada perto da janela, no andar de cima, neste atroz dormitório infantil, e não há nada que me impeça de escrever quanto queira, a não ser a falta de disposição.

John passa o dia todo fora, às vezes algumas noites também, quando tem pacientes em estado grave.

Ainda bem que meu caso não é grave!

Mas este problema de nervos é mesmo muito deprimente.

John não tem noção do quanto realmente sofro. Sabe que não há uma *razão* para sofrer, e isso já basta para ele.

É claro que é apenas nervosismo. Sinto muito o peso de não conseguir cumprir com minhas obrigações!

Eu pretendia ser uma grande companheira para John, ser seu verdadeiro apoio e conforto, mas aqui estou, mais perto de ser um fardo!

Ninguém acreditaria em quanto me esforço para fazer o pouco de que ainda sou capaz: arrumar-me, receber visitas e dar ordens.

Por sorte, Mary é muito cuidadosa com o bebê. Que bebê bonzinho!

Mesmo assim, *não consigo* ficar com ele, isso me deixa tão nervosa.

Parece que John nunca ficou nervoso na vida. Debocha tanto de mim por causa desse papel de parede!

A princípio, ele pretendia trocar o papel do quarto, mas depois disse que eu estava deixando aquilo me levar e que nada era pior para quem sofre dos nervos do que abrir as portas para a imaginação.

Disse que depois de trocar o papel de parede o problema seria a pesada armação da cama, então as grades nas janelas, depois o portão no topo da escada, e assim por diante.

– Sabe que o lugar está fazendo bem para você – disse ele –, e na verdade, querida, eu não tenho intenção de reformar uma casa alugada por apenas três meses.

– Então vamos para o andar de baixo – sugeri. – Há quartos tão bonitos lá.

Logo ele me abraçou e me chamou de tolinha e disse que iria para o porão se eu quisesse, e ainda por cima mandaria pintá-lo de branco.

Mas ele tem toda razão sobre a cama, as janelas e tudo o mais.

É um quarto bem arejado e confortável tal como qualquer um desejaria e, é claro, eu não seria tão estúpida a ponto de incomodá-lo só por um capricho.

Já começo a gostar bastante deste quarto enorme, exceto pelo horroroso papel de parede.

De uma janela, consigo ver o jardim, aquelas misteriosas pérgulas com sombreado profundo, a vastidão de flores antiquadas, arbustos e árvores retorcidas.

De outra, tenho uma linda vista da baía e de um pequeno cais particular da propriedade. Há uma bela alameda sombreada que desce da casa até lá. Sempre fantasio pessoas caminhando por essas inúmeras trilhas e pérgulas, mas John me alertou para não abrir nem uma fresta da porta para a imaginação. Diz que, com toda a minha criatividade e o costume de escrever histórias, uma doença dos nervos como a que tenho fatalmente leva a todos os tipos de devaneios, e que preciso usar a força de vontade e o bom senso para controlar essa tendência. Sendo assim, eu tento.

Às vezes penso que, se estivesse bem o suficiente para escrever um pouco, poderia aliviar o peso de tantos pensamentos e me sentiria menos cansada.

Mas acabo ficando exausta sempre que tento escrever.

É muito desanimador não ter uma companhia para opinar em relação ao meu trabalho. Quando eu melhorar bem, John prometeu que vamos

convidar o primo Henry e a Julia para passar um tempo conosco; mas que, por ora, prefere colocar fogos de artifício na minha franha a me deixar ter pessoas estimulantes como eles por perto.

Gostaria de ficar bem logo.

Mas não devo pensar nisso. Este papel de parede me olha como se *soubesse* da influência perversa que tem!

Há um ponto recorrente em que o padrão fica suspenso como um peçoço quebrado e dois olhos arregalados nos encaram de cabeça para baixo.

Fico definitivamente irritada com a impertinência e a perpetuidade deles. Para cima e para baixo e para os lados eles rastejam, e aqueles olhos despropositados e esbugalhados estão por toda parte. Há um ponto onde a emenda não bate, e os olhos desalinhados sobem e descem, um vai um pouco mais alto que o outro.

Nunca vi tanta expressividade em algo inanimado antes, e todos sabemos quanta expressividade essas coisas têm! Quando criança, eu ficava acordada e encontrava mais diversão e terror em paredes brancas e móveis comuns do que a maioria das crianças encontraria em uma loja de brinquedos.

Lembro-me da piscadela amigável dos puxadores da enorme cômoda velha, e da cadeira que sempre se portou como uma grande amiga.

Sentia que, se qualquer uma das outras coisas parecesse muito ameaçadora, eu poderia pular naquela cadeira e ficar em segurança.

No entanto a mobília deste quarto está em total desarmonia, pois tivemos que trazer tudo lá de baixo. Quando o cômodo passou a ser usado como sala de brinquedos, tiveram que retirar as coisas do dormitório, acredito, e não é de admirar! Nunca vi tanto estrago como o que as crianças fizeram aqui.

O papel de parede, como já mencionei, foi arrancado em alguns pontos, que agora estão mais grudentos que irmão caçula – as crianças devem ter sido obstinadas e rancorosas.

O assoalho também está cheio de arranhões, buracos e lascas, até mesmo o gesso está cavocado aqui e ali, e esta cama enorme e pesada, a única coisa que já estava no cômodo, parece ter enfrentado uma guerra.

Mas não me incomodo com nada disso – apenas com o papel de parede.

Lá vem a irmã de John. Uma moça tão boa e tão preocupada comigo! Não posso deixá-la ver que estou escrevendo.

Ela é uma governanta perfeita e entusiasmada, e não acredita que haja profissão melhor. Com certeza absoluta, pensa que escrever foi o que me deixou doente!

Mas posso escrever sempre que ela está fora e a vejo bem distante destas janelas.

Há uma janela que contempla a estrada, uma estrada adorável, sombreada e sinuosa, e outra que dá para o campo. Uma região adorável também, cheia de grandes árvores frondosas e prados de veludo.

Este papel de parede tem um padrão secundário com tonalidade diferente, muitíssimo irritante, pois só se pode vê-lo de determinada perspectiva, ainda assim, sem muita clareza.

Mas nos pontos onde não desbotou e o sol bate da maneira certa, posso ver um vulto estranho, provocador e disforme, que parece carrancudo atrás daquela figura ridícula e ostensiva à frente.

Lá vem a irmã de John, subindo a escada!

Bem, o 4 de Julho acabou! As pessoas se foram e estou exausta. John achou que seria bom para mim ter um pouco de companhia, então mamãe, Nellie e as crianças passaram uma semana aqui conosco.

É claro que não tive trabalho nenhum. Jennie cuida de tudo agora.

Mas fiquei cansada mesmo assim.

John falou que se eu não me recuperar logo vai me encaminhar para o doutor Weir Mitchell no outono.

Mas não quero, de jeito nenhum. Tenho uma amiga que já esteve sob os cuidados dele e disse que ele é como John e meu irmão, só que ainda pior!

Além do mais, é um grande transtorno ter que ir tão longe.

Não acho que valha a pena me empenhar para fazer nada, e estou me tornando terrivelmente irritadiça e ranzinza.

Choro por nada, e choro o tempo todo.

É claro que não choro quando John está aqui, ou qualquer outra pessoa, mas sempre que estou sozinha.

E tenho passado boa parte do tempo sozinha. John fica na cidade com frequência para atender casos graves, e Jennie é bondosa e me deixa em paz sempre que peço.

Então caminho um pouco pelo jardim ou por aquela alameda adorável, sento-me na varanda sob as rosas e passo um bom tempo deitada aqui em cima.

Já gosto bastante do quarto, apesar do papel de parede. Bem, *graças* a ele, talvez.

Ele habita minha mente!

Deito-me aqui nesta enorme cama inabalável – está pregada no assoalho, eu acho – e acompanho o padrão por horas. É tão bom quanto fazer ginástica, garanto. Começo, por assim dizer, lá de baixo, no canto onde o papel está intacto, e decreto pela milésima vez que *vou* acompanhar aquele padrão sem sentido até chegar a algum tipo de conclusão.

Entendo um pouco dos princípios de composição decorativa, e sei que essa coisa não foi fundamentada na lei de irradiação, nem de alternância, nem de repetição, nem de simetria, nem de qualquer outra da qual eu já tenha ouvido falar.

Ele se repete, é claro, na extensão do papel, mas de nenhuma outra maneira.

Olhando de certo ângulo, cada faixa permanece separada, as grandes curvas e os floreados – um estilo “romanesco decadente” com *delirium tremens* – vão cambaleando para cima e para baixo em colunas isoladas de imbecilidade.

Mas, por outro lado, elas se conectam na diagonal, e os traços tentaculares de repente irrompem em grandes ondas tortuosas de horror óptico, como um polvo se revolvendo em plena caça.

Isso tudo também se estende para a horizontal, ao que parece, e fico exausta ao tentar distinguir o rumo que os traços tomam nessa direção.

Colocaram também uma faixa horizontal, um friso decorativo, e isso contribui de forma brilhante para a confusão.

Há um canto no quarto onde o papel está quase intacto, e lá, quando a contraluz se esvai e o sol do crepúsculo brilha direto sobre ele, posso quase